

SERES LENTOS E VIDA URBANA: CAMINHOGRÁFIA PELAS RUAS DE PORTO ALEGRE, MONTEVIDEO E BUENOS AIRES¹

TAÍS BELTRAME DOS SANTOS¹; EDUARDO ROCHA².

¹Universidade Federal de Pelotas – tais.beltrame@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – amigodudu@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

As cidades contemporâneas latino-americanas sofrem um processo de globalização em massa: o espaço é produzido por relações de consumo e controle homogeneizadoras (SANTOS, 2002); (JACQUES, 2012). Na contramão desse processo veloz, os seres lentos insistem em produzir experiência², subvertendo a lógica impositiva dos tempos rápidos. Esses corpos, subversivos e desobedientes, produzem subjetividade por se diferenciarem dos territórios³ coletivos impositivos. São eles: ambulantes, artistas de rua, catadores, mendigos, lavadores de carro etc., corpos vetados dos tempos rápidos (SANTOS, 1997), e que produzem suas próprias formas de transgredir os usos projetados do espaço público. Se existe um controle involuntário dos ritmos, e normas do espaço, como nos propõe Milton Santos (1982), os seres lentos são agentes responsáveis pela produção da diferença na vida urbana.

Entretanto, o poder planejador insiste em criar espaços normatizados e excludentes que ignoram o tipo de apropriação que desvia, subverte ou contraria as regras e os usos da cidade. Celma Paese (2016, p.24) pontua a importância de “refletir sobre os modos atuais de experiência urbana, onde diariamente as potências do por vir do cotidiano transgredem e ressignificam os usos espaciais propostos”, como uma forma de compreender e refletir sobre as próprias práticas do arquiteto e urbanista. Como esses agentes utilizam os espaços normativos? Como os subvertem? Como produzem experiência?

Buscando compreender as dinâmicas que compõem e qualificam a vida urbana, a presente pesquisa busca experienciar, a partir do método da cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995), três ruas de três cidades latino-americanas: Rua dos Andradas em Porto Alegre, Avenida 18 de Júlio, em Montevideo e Calle Florida em Buenos Aires. Ambas as ruas possuem gabaritos, fluxos e centralidade distintas, mas são reconhecidas por abrigarem as coexistências. São importantes histórica e culturalmente para região sul do sul da América. A diversidade de cidades, usos, culturas e cenários possibilitarão a prática da alteridade, aqui compreendida como o encontro entre modos distintos de ser, ou “o que margeia dois territórios” (GUATTARI, 1992). O encontro com o diferente como possibilidade de criação, gerará distintas percepções e desejos no corpo da pesquisadora, que caminhará como uma prática estética e ética (CARERI, 2012).

O objetivo geral é desenvolver pistas para um urbanismo contemporâneo na América subtropical, que fortaleça o tempo da experiência (BONDÍA, 2002) e, portanto, da lentidão. A pesquisa ouvirá o indizível e escreverá sobre as práticas que contestam a domesticação e o acolhimento na vida urbana, reunindo autores e atores que discursam e modifiquem a prática cotidiana.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Em Jorge Larrosa Bondía (2002).

³ Em Deleuze (2018).

2. METODOLOGIA

Porto Alegre, a cidade gaúcha, possui 1.409.351 habitantes (IBGE, 2010), Montevideo, uruguiaia, 1.319.108 (INE, 2011), e Buenos Aires 15.625.084 (INDEC, 2010), em 1536. São classificadas como metrópoles. Localizadas em países fronteiriços, que compartilham do clima subtropical úmido e o que Vítor Ramil (2004, p. 24) propõe como estética do frio: “Somos a confluência de três culturas, encontro de frialdade e tropicalidade. Qual é a base da nossa criação e da nossa identidade se não essa? Não estamos à margem de um centro, mas no centro de uma outra história.” A cultura condicionada pelo clima, também é combinação da colonização espanhola e portuguesa, dos imigrantes italianos e alemães e da história de guerras e revoluções pela disputa de fronteiras. Esses vestígios, materiais e imateriais configuram a vida urbana das cidades, e portanto das ruas, “suporte de múltiplos usos” (SANTOS, 1988, p. 89).

A investigação da rua, como, elemento responsável pelo abrigo de diferentes identidades, que possui a função de interligar setores, lugares e afazeres, amparada pelo método cartografia ⁴ como prática em que a própria vivência do pesquisador importa, dissolve a separação entre pesquisador e objeto de estudo. Propõe uma atenção à espreita (KASTRUP, 2015), que permite que coisas menores, que passam despercebidas no cotidiano se comuniquem. Se adequa a procedimentos que apreciam a contextualidade de uma ação, a multiplicidade de forças atuantes e o processo qualitativo de uma prática. Acolhe dados de diferentes naturezas, tanto subjetivas quanto objetivas, e busca dar visibilidade, às relações vivenciadas durante um percurso. Sendo uma metodologia capaz de dar à luz ao que remanesce na opacidade da vida urbana.

A cartografia, utilizada conjuntamente com a caminhada como prática estética (CARERI, 2013), será revisada como cartografia urbana, pois procurará analisar os diversos sentidos despertados ao andar na rua, os acontecimentos que atravessam a homogeneidade e provocam a diferença e os territórios que definem a organização ou subversão dos territórios. Compreendendo os corpos que qualificam e modificam um espaço, suas gingas e territorialidades.

O pesquisador enquanto também viajante, participa de um movimento da Pedagogia da Viagem (ROCHA et al., 2016). Prepara a bagagem para viajar, viaja, e nesse percurso conhece coisas que não estavam programadas e que o levam para caminhos não planejados e a volta da viagem, em que precisa-se organizar as malas, as experiências. O acontecimento da vivência, e as três etapas que constituem a viagem (ir, estar e voltar), possibilitam a compreensão de relações que expandem o caminho do próprio viajante, pois o estimula a reorientar seu território, objetivo e concepções, criando mapas moventes, de um processo de territorialização-desterritorialização-reterritorialização, “três aspectos em uma só e mesma coisa, o Ritornelo” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 102). Um viajante não tende a voltar pra casa com a mesma bagagem que de lá saiu.

Assim, a etapa de análise em pesquisa cartográfica se dá durante a continuidade da pesquisa, pois “a atitude de análise acompanha todo o processo,

⁴ A cartografia como método introduzido por Deleuze e Guattari (1995) que se propõe a compreender as diversas forças – máquinas e subjetivas, que influenciam um território existencial. Produz um mapa cartográfico que parte da experiência: O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação. [...] Um mapa é uma questão de performance. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22).

permitindo que essa compreensão inicial passe por transformações” (BARROS; BARROS, 2013, p. 377). É necessário refletir sobre os acontecimentos e forças, e pesar as medidas na tomada de decisões e caminhos durante o processo, explorando as possibilidades de inscrição do mapa. Serão utilizados como dispositivos de atenção e registro o caderno de campo e a fotografia. Ambos possibilitarão a construção de mapas de uso, do acolhimento (FUÃO, 2014); (PAESE, 2016), facilitando a produção de pistas sobre o objeto de estudo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa se encontra no estágio de revisão de alguns conceitos advindos de diversas áreas como filosofia, arquitetura, urbanismo, geografia e antropologia como: Rua (SANTOS, 1988), território (DELEUZE; GUATTARI, 1997), estética (ROSENFELD, 2006), alteridade (GUATTARI, 1992) (JACQUES, 2012), experiência (BONDÍA, 2002)(AGAMBEM, 2005), coexistência (SANTOS, 1982) (FUÃO, 2014), homens lentos (SANTOS, 1997), lugar (CASTELLO, 2007), cartografia (DELEUZE; GUATTARI, 1995), dentre outros. Pretende-se aproximá-los e operá-los para a compreensão e justificativa das dinâmicas que serão experienciadas, talvez sendo necessária a criação de novos conceitos que possam explicar as diferenças e heterogeneidade dos múltiplos atravessamentos.

Também está se organizando os procedimentos “pré-viagem”: arrumando a bagagem de ideias e referências. Os percursos a serem percorridos nas três cidades, apesar de pré-estabelecidos podem sofrer ajustes. Trabalhos como de Paula Quintão (2012), que discute o morar na rua na cidade de São Paulo, de Mascarenha e Dolzani, que refletem sobre a feira livre na metrópole (2008) e Jorge Dios (2004), que traz uma crítica ao poder gestor neoliberal e ao trabalho informal como prática “do que resta”, estão sendo revisados. Vale ressaltar que significantes pesquisas desses mesmo âmbito como de Ana Clara Torres Ribeiro, Maria Cecília los Chiavo, também estão sendo considerados.

Por fim, pretende-se contribuir para uma discussão teórico crítica que agence conceitos de diferentes áreas com a filosofia da diferença, pensando em criação de novas pistas para o urbanismo contemporâneo. A viagem, nos seus três estágios, pré-durante-pós, possibilitará a sobreposição de informações do campo teórico, experimental e documental, facilitando o mapeamento desses diversos atravessamentos entre a cidade falada e a cidade vivida. Os mapeamentos de uso, formas do acolhimento e corpografias urbanas pretendem também produzir outros procedimentos para estudar a cidade, na cidade, devolvendo para teoria novos referenciais.

4. CONCLUSÕES

É possível perceber previamente que os seres lentos possuem territórios, sejam através de dispositivos ou de corpografias, bem definidas. A lógica de pertencimento que leva a um grupo a ser reconhecido, e se auto reconhecer, e então modificar a cidade, acontece em todos os tempos da contemporaneidade. Nesse sentido, é consenso que o desenho urbano das cidades, a arquitetura e o urbanismo propriamente ditos, determinam as brechas os usos possíveis de um lugar. Buscando experimentar outros tempos e espaços, através da cartografia urbana, pretende-se gerar mapas, análises e conclusões urgentes para a realocação do planejamento de cidade do acontecimento. Essa pesquisa não busca somente contribuir para o campo da teoria do urbanismo e da filosofia da diferença, mas também fomentar discursos que falem e olhem para o que vem

sendo o indizível. Afinal, a contemporaneidade se expressa pelos tempos rápidos, mas também da vazão a estudos que se dediquem ao menor, ao identitário.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEM, G. **Infância e História: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478.
- CARERI, F. **Walkscapes: a caminhada como prática estética**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2013.
- CASTELLO, L. **A percepção de lugar, repensando o conceito de lugar em arquitetura-urbanismo**. 1. ed. Porto Alegre: UFRGS, PROPARG, 2007.
- DELEUZE, G. **Diferença e Repetição**. 1ª edição ed. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs vol.1**. 2. ed. São Paulo: editora 34, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs vol4**. São Paulo: editora 34, 1997.
- DIOS, J. R. DE. O gato e o rato. Ambulantes urbanos e poder municipal. 2004.
- FUÃO, F. F. As formas do acolhimento na arquitetura. In: SOLIS, D.; FUÃO, F. F. (Eds.). **Derrida e Arquitetura**. 1. ed. Rio de Janeiro: EDURJ, 2014.
- GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. 4ª edição ed. São Paulo: editora 34, 1992.
- GUATTARI, F. **Guatarri - Caosmose - Heterogênese.pdf**. Rio de Janeiro: editora 34, 1992.
- JACQUES, P. B. Corpografias Urbanas. **IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, p. 1–13, 2008.
- JACQUES, P. B. **Elogio aos errantes**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2012.
- KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: **Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividades**. 4. ed. Porto Alegre: Salinas, 2015. p. 32–51.
- MASCARENHAS, G.; DOLZANI, M. C. S. FEIRA LIVRE: TERRITORIALIDADE POPULAR E CULTURA NA METRÓPOLE CONTEMPORÂNEA. **Ateliê Geográfico**, p. 72–87, 2008.
- PAESE, C. **Contramapas de acolhimento** Porto Alegre, 2016.
- QUINTÃO, P. R. **Morar na rua : há projeto possível ?** São Paulo: FAUSP, 2012.
- RAMIL, V. **A estética do frio, conferência de Genebra**. 1. ed. Pelotas: Satolep Livros, 2004.
- ROCHA, E. et al. **Cross-Cult: Desenho Urbano/Urban Design – Pelotas/RS e Oxford/UK**. 1. ed. Pelotas: UFPel, 2016.
- ROSENFELD, K. **Estética**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- SANTOS, C. N. F. DOS. **A cidade como um jogo de cartas** Niterói: EDUFF, 1988.
- SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 1982.
- SANTOS, M. **Técnica Espaço Tempo**. 3. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço**. 4 ed. 1 re ed. São Paulo: EDUSP, 2002.